

Apresentação

Que histórias as crianças contam? Quem ouviu suas histórias? Quais os temas privilegiados pelas crianças? Como os pequenos narradores performatizam suas histórias? Esses foram alguns dos questionamentos que impulsionaram a organização do dossiê temático do número 20 da Revista Boitatá, intitulado “Narrativas Oraís Infantis”. O dossiê parte da constatação de que embora exista um vasto acervo de pesquisas e produções acadêmicas sobre narradores adultos e sobre histórias contadas **para** crianças, pouco ainda se tem focado a produção narrativa **das** crianças. Essa invisibilidade das narrativas infantis – ou “mudez”, para guardar a afinidade metafórica com o campo da oralidade – tem início na própria definição do conceito de infância, pois ao buscar a etimologia da palavra verifica-se que *infans*, em latim, é “aquele que não fala”.

Procurando inverter ou reinventar essa perspectiva, este dossiê propõe uma abordagem privilegiada da infância que fala, pensa, age, cria e performatiza, através de narrativas oraís, seu próprio mundo e o mundo dos adultos. Assumimos, portanto, como domínio legítimo de pesquisa a agência das crianças em suas múltiplas formas de viver, pensar e narrar. A premissa aqui é de que as crianças, nas interações comunicativas com os pares e com os adultos, não estão apenas refletindo sobre sua realidade, mas também, e sobretudo, criando “mundos possíveis”. Um desses pequenos mundos é apresentado no desenho que ilustra a capa deste número, de autoria de Luiza Hartmann e Sá, uma menina de 10 anos de idade que não apenas desenha, mas inventa, escreve e conta suas próprias histórias.

Embora a participação das crianças em diferentes esferas da vida social já venha sendo estudada há algum tempo, frequentemente acontecia de forma isolada, sem maior impacto na concepção de uma epistemologia da infância que permitisse conceber verdadeiramente o protagonismo de meninas e meninos. O historiador francês Philippe Ariès, com sua *História Social da Família e da Criança*, que data de 1960, costuma ser evocado sempre que se busca compreender a construção social do conceito de infância. No entanto, seria injusto atribuir ao autor uma perspectiva inaugural, já que antes dele pesquisadores de outras áreas do conhecimento também desenvolveram importantes pesquisas problematizando e contextualizando histórica e socialmente as concepções, os lugares e os papéis da criança em distintas sociedades. Dentre esses, poderíamos mencionar os filósofos Walter Benjamin e Merleau-Ponty, a antropóloga Margaret Mead, a

pediatra e psicanalista Françoise Dolto, o pediatra e pedagogo Janusz Korczak e, no Brasil, o educador Paulo Freire.

No que tange ao campo de estudos da oralidade e das literaturas tradicionais e populares, historicamente a criança apenas em raras situações foi considerada como narradora legítima ou confiável. É interessante constatar, no entanto, que o folclorista Câmara Cascudo registra, em 1946, em *Contos Tradicionais do Brasil*, narrativas contadas pelo próprio filho Fernando Luís, de doze anos. Ao não o diferenciar dos demais narradores escutados, notadamente idosos, Câmara Cascudo demonstra uma valorização da voz infantil sem, porém, dedicar-lhe uma atenção especial. Avançando nessa perspectiva, encontramos o casal britânico Iona e Peter Opie, que na mesma década de 1940 inicia pesquisa pioneira de escuta e coleta de formas orais compartilhadas pelas crianças em parques, ruas e escolas da Grã-Bretanha. Seu livro *The Lore and Language of Schoolchildren (1959)*, ainda sem tradução para o português, tornou-se obra de referência na área, não apenas pelo rico material registrado, mas também pela metodologia utilizada. Outra pesquisadora que se notabiliza neste campo é a antropóloga e linguista francesa Suzy Platiel que, em pesquisa iniciada em 1958 entre o Sanan de Burkina Faso, constata a importância que essa sociedade atribui à narração, por parte das crianças, frente ao grupo de adultos. A pesquisadora continuou suas investigações ao longo das décadas seguintes, não apenas entre os Sanan, mas também na Guiana Francesa e em escolas públicas francesas, tornando-se incentivadora da produção e do compartilhamento de narrativas orais na infância pois, para ela, os contos têm um papel fundamental na aprendizagem e no domínio simbólico da linguagem e, através destes, na formação da própria identidade da criança. Já na década de 70 o também francês Claude Gaignebet aventura-se em um campo delicado ao partir para a escuta direta de narrativas obscenas contadas por crianças em uma colônia de férias nas proximidades de Paris e, posteriormente, em outras localidades do país. Em *Le Folklore Obscène des Enfants (1974)*, Gaignebet explora as formas de transmissão dos saberes sexuais no interior do que chama de “micro-sociedade infantil” através de quadrinhas, contos, adivinhas e brincadeiras.

Muito embora esses sejam exemplos de reconhecidas pesquisas sobre narrativas orais infantis em diferentes contextos, chama a atenção o fato de que importantes coletâneas internacionais sobre tradições orais, como *Traditional Storytelling Today*, de 1999, editada por Margaret Read MacDonald, que conta com 99 artigos, e *Le Renouveau du Conte*, também de 1999,

organizada por Geneviève Calame-Griaule, com mais de 80 artigos, tenham, cada uma, apenas um capítulo dedicado às narrativas contadas por crianças. Da mesma forma, no Brasil, dentre os mais de 30 artigos da coletânea recentemente lançada *Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces* (2015), organizada por Fábio Medeiros e Taiza Rauen, há apenas um que tematiza a criança como sujeito nos processos narrativos. Isso demonstra que este é um campo ainda a ser explorado. O que se percebe é que a criança paulatinamente deixa de ser um mero objeto de estudo e passar a ser encarada como sujeito, como agente autônomo, com “voz” própria. Essa abordagem vem se fortalecendo nos últimos anos, sobretudo a partir da virada do milênio. Campos interdisciplinares passaram a se dedicar às chamadas “culturas da infância”, possibilitando a emergência de pesquisas nas quais as vozes das crianças tornam-se fundamentais. É nessa perspectiva que o presente dossiê se apresenta. A criança deixa de ser apenas personagem ou ouvinte e passa a ser, também, narradora de suas próprias histórias.

Para abordar esta perspectiva que, como vimos acima, ainda é relativamente recente e pouco explorada, convidamos duas pesquisadoras com larga experiência nas interfaces dos estudos entre oralidade e infância. A professora e contadora de histórias Gilka Girardello, da UFSC, abre esse número da Boitatá com o artigo intitulado “**Horizontes da autoria infantil: as narrativas das crianças na educação e na cultura**”, no qual propõe três aproximações ao tema da autoria narrativa infantil, a partir de um conjunto de referências teórico-metodológicas e experiências de pesquisa, voltando-se principalmente para a valorização da oralidade das crianças em contextos educativos. Entre os pressupostos do texto está a noção de que também pela voz de suas crianças as culturas falam. A segunda convidada é a pesquisadora do CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) na Seção de Folclore da Universidade de Buenos Aires, Maria Inés Palleiro. Em seu artigo “**Los caminos del bosque y sus ecos em voces infantiles: de las agujas y alfileres a la fuga mágica**”, María Inés compara relatos folclóricos contados por crianças com registros escritos e mediatizados das matrizes de “Chapeuzinho Vermelho” e “Branca de Neve”, reconhecendo nestes estilos de narração diferenciados.

Na sequência, o dossiê apresenta quatro artigos que, embora utilizem abordagens distintas, adotam como campo empírico a escola. Em “**Equilibristas, viajantes, princesas e poetas: performances orais e escritas de crianças narradoras**”, Luciana Hartmann parte de narrativas registradas durante pesquisa etnográfica, em turmas de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública

de Brasília-DF, para discutir as diferentes estratégias utilizadas pelas crianças para expressarem e compartilharem suas experiências através de performances orais e escritas. Já Guilherme Fians, em seu artigo **“Sobre contar e ouvir verdades e mentirinhas: considerações sobre narrativas a partir de livros infantis e brincadeiras em uma sala de aula”** discute as narrativas orais elaboradas por crianças por meio de uma etnografia realizada com alunos de três a sete anos de idade de uma escola no Rio de Janeiro, problematizando as distinções entre as narrativas que são consideradas “de verdade” e aquelas que são “de mentirinha”. O conceito de autoria infantil é analisado por Karin Cozer de Campos e Gilka Girardello em **“A roda, a criança e a história: composições da autoria infantil”**, que objetiva conhecer e compreender os processos de produção narrativa das crianças no espaço escolar e, assim, pensar sobre como estimulá-las a contar histórias em tal ambiente. As autoras tomam como referência um repertório de narrativas orais produzidas no contexto de uma pesquisa que envolveu rodas de narração de histórias com crianças entre cinco e seis anos de idade, que estudavam no primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública. Em **“Vozes infantis: concepções de crianças da educação infantil acerca do envelhecimento humano e da pessoa idosa”**, Francisane Nayare de Oliveira Maia e Ana Paula Cordeiro investigam as concepções de crianças entre quatro e cinco anos de idade, matriculadas numa instituição de Ensino do município de Marília - SP, acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano.

Dois artigos abordam ainda a interessante relação entre infância, oralidade e cinema. Em **“Compartilhamentos entre narrativas filmicas infantis e experiência educativa”**, Vivien Kelling Cardonetti e Marilda Oliveira de Oliveira propõem a produção de diferentes fluxos de pensamentos a partir de três encontros filmicos em que a criança se faz presente. As problematizações suscitadas a partir do cruzamento das narrativas infantis nos filmes “Los colores de las flores” (2011), “A Invenção de Hugo Cabret” (2011) e “O Balão Branco” (1995), segundo elas, potencializam o esboço de outras possibilidades de atuar, simulando diferentes modos de ser e desenhando singulares formas de pensar a experiência educativa. Tiago de Brito Cruvinel, por sua vez, discute a criação de personagens-crianças, em roteiros cinematográficos, a partir da aproximação do adulto com as narrativas orais infantis. Em **“Criança conselheira: a criação de roteiros cinematográficos a partir das narrativas orais infantis”**, o autor aposta em dois mecanismos metodológicos para auxiliar roteiristas e diretores em seus roteiros: a consulta à criança (*criança conselheira*) e o compartilhamento de vivências em oficinas teatrais.

Com o artigo “**Sobre o imaginário infantil: conexões com a obra de Antoine Saint-Exupéry – O Pequeno Príncipe**”, Ana Cláudia Barin, Leonardo Augusto Verde Charréu e Rafael Dolinsky Aranha finalizam o dossiê temático. Os autores partem de um relato sobre aulas da disciplina *Arte na Infância e Adolescência*, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, para traçar conexões com o imaginário infantil a partir do livro de Antoine Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*.

A **Seção Livre** traz contribuições para o campo das poéticas orais em seus profícuos diálogos com a literatura escrita, a cultura popular, a história, a educação, as artes cênicas e o cinema. A Seção é aberta com “**Discurso ardiloso em ‘Antiperipleia’, de Guimarães Rosa**”, artigo de Alexandre Vilas Boas da Silva e Marcelo Rodrigues Jardim. Nele os autores procuram mostrar como pode estar presente no conto “Antiperipleia” um discurso ardiloso, ou persuasivo, por parte do narrador, que passa a ser sujeito do discurso ao invés de objeto de observação passivo.

A cultura popular é tematizada em cinco artigos da seção. No ensaio “**Contornos das imagens infantis nas memórias de Pedro Nava**”, Maria Alice Ribeiro Gabriel e Luciane Alves Santos examinam o papel das narrativas populares como componente essencial na construção das lembranças de infância do escritor. Em “**A tradição popular nordestina na obra ‘Auto da Compadecida’, de Ariano Suassuna**”, Elen Karla Sousa da Silva e Sebastião Marques Cardoso investigam a cultura popular nordestina através das marcas da tradição oral nessa obra de Suassuna. Tratando das visões e considerações sobre o conceito de cultura popular em diversas épocas e contextos, o artigo “**Vozes em evidência: narrativas orais e cultura popular em Volta Grande - Bahia**”, de Carlene Vieira Dourado, analisa narrativas orais e modos de vida da comunidade de Volta Grande procurando compreendê-las como elementos constitutivos da identidade e da cultura popular do grupo. A arte de cantar versos por um grupo de pessoas da comunidade rural de Monte Alegre, Rio Real - Bahia é investigada em “**Reminiscências de uma brincadeira: as cantigas de roda como cantos de trabalho e de lazer**”, de Edil Silva Costa e Eliane Bispo de Almeida Souza, artigo que busca compreender o porquê da permanência dessas cantigas na memória dos moradores mais velhos dessa comunidade, bem como suas atualizações e sentidos. Thales Gomes, em “**A imagem cantada: Aboio e cantigas, de Humberto Mauro**”, busca construir uma reflexão acerca da representação cinematográfica dos aboios no curta-metragem *Aboio e Cantigas* (1954) de

Humberto Mauro, analisando as inter-relações estéticas e sociais entre a obra do cineasta e a cultura popular brasileira.

Uma análise dos folhetos de cordel “A saga de um prefeito e o bando de Lampião” (2011) e “O ataque de Mossoró ao bando de Lampião” (2006), escritos por Antônio Francisco (1949), é proposta por Felipe Gonçalves Figueira no artigo **“Duas narrativas sobre Lampião: a voz crítica e dissonante de Antônio Francisco”**. Já a confluência entre os processos de formação do leitor e o uso da literatura oral no âmbito educacional é tema do artigo **“As narrativas orais e a formação do leitor”**, de Nilo Carlos Pereira de Souza. Em **“Surrealismo etnográfico: base epistemológica para a pesquisa em artes cênicas”**, Vagner de Souza Vargas e Denise Marcos Bussolatti apresentam o surrealismo etnográfico como uma proposta para o desenvolvimento de investigações no campo das artes.

Os dois artigos que encerram o número 20 da Revista Boitatá têm como foco a implementação das temáticas étnico-raciais e indígenas na escola, abordando a relevância da oralidade nesse contexto. **“A literatura oral: estratégias para afirmação da cultura afro-brasileira, africana e indígena”**, de Rita de Cássia M. Alcaraz, Tânia Mara Pacifico e Aparecido Vasconcelos de Souza, parte da coleta de dados em uma escola estadual na cidade de Curitiba - Paraná, nas séries iniciais do ensino fundamental II, para analisar a importância da contação de histórias para a efetivação do artigo 26-A da LDB, alterado pela obrigatoriedade da Lei 10.639, de 2003 e modificado pela Lei 11.645, de 2008. Finalmente, o artigo de Eugénia da Luz Silva Foster, Piedade Lino Videira e Elivaldo Serrão Custódio, **“Contribuições da narrativa ficcional na superação do racismo e na implementação da Lei nº 10.639/2003 nos currículos”**, reflete sobre o lugar que as narrativas ficcionais usadas na escola ocupam no reforço e perpetuação do racismo. Os autores avaliam as possibilidades de superação do racismo pela via da inclusão da oralidade relativa à cultura de matriz africana no currículo, também no âmbito da lei n. 10.639/2003.

Com essa riqueza de enfoques, esperamos que os artigos desta edição despertem novas escutas, reflexões e inspirações às leitoras e leitores da Boitatá.

Luciana Hartmann

Brasília, no janeiro chuvoso de 2016.